

PEREIRA, Camila Konrad. Identificações estéticas no sistema da moda: Um olhar através dos sites de moda de rua e de festa. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, 2010.

RODRIGUES, dos Santos Luciana. A moda do blog: O blog como ferramenta de disseminação de moda. Anais do 8º Colóquio Internacinal de Moda, Rio de Janeiro, 2012.

RODRIGUES, Graziela Fernanda. Blogs de moda e beleza: espaço mercadológico de interação, sentido e axiologias. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Comunicação e Semiótica. PUC SP. São Paulo, 2013.

ZAGO, Gabriela da Silva. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. Disponível na Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. 2009. Link: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>.

Recebido: 05/01/2017

Aceito: 10/05/2017

Afinal, quem é o protagonista? O paradoxo do empoderamento do indivíduo no Ciberespaço

Rodrigo Rodembusch¹

Patrícia Augsten²

Resumo: Com o avanço dos aparatos tecnológicos, do aumento de dispositivos midiáticos portáteis, da informatização e da ascensão de diferentes plataformas de redes sociais, surgem novos agentes de produção de discurso que se apropriam do ciberespaço e se mobilizam em torno de questões da sociedade civil. Surge a concepção de indivíduos empoderados, de uma sociedade mais engajada em debates sociais e na possibilidade de mobilização do cidadão em torno de determinados assuntos de interesse coletivo. Ao passo que ideias romantizadas sobre o poder da sociedade civil no ciberespaço ganham força, por outro lado surgem reflexões que colocam em dúvida esse poder do cidadão quando se traz à luz questões acerca das transversalidades capitalistas das quais os indivíduos estão submetidos na ágora contemporânea. Portanto, vivenciamos um paradoxo do empoderamento.

Palavras-chave: Empoderamento. Ciberespaço. Redes sociais. Mobilização

Abstract: With the development of technology, the increase of portable media devices, the computerization and the rise of different platforms of social networks, new agents of speech production emerge in the cyberspace, mobilizing themselves around civil society issues. The conception of empowered individuals also emerges, together with the idea of a more engaged society and the possibility of mobilizing citizens around certain issues of collective interest. While, romanticized ideas about the power of civil society in cyberspace gain strength, there are some ideas, which cast doubt on this power of the citizen when questions are raised about the capitalist transversalities of which individuals are submitted to the contemporary agora. That is why we are experiencing a paradox of empowerment.

Keywords: Empowerment. Cyberspace. Social networks. Mobilization

Resumen: Con el avance de los aparatos tecnológicos, y con el aumento del uso de dispositivos móviles y la popularización de diferentes redes sociales, surgen nuevos agentes productores de discurso que utilizan el ciberespacio para movilizarse alrededor de cuestiones de la sociedad civil. En este contexto emerge la concepción de individuos empoderados y de una sociedad más actuante en debates sociales, que permite al ciudadano movilizarse para dar cuenta de asuntos de interés colectivo. Al mismo tiempo en que se

¹Jornalista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em International Media Studies pela Deutsche Welle e Hochschule Bonn-Rhein-Sieg (Alemanha) e Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Docente do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter/Porto Alegre). E-mail: rodrigo_rodembusch@uniritter.edu.br

²Jornalista formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Especialista em TV e Convergência Digital pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

fortalece la idea romantizada sobre el poder de la sociedad civil en el ciberespacio, surgen también reflexiones que ponen en duda la noción de poder ciudadano, especialmente cuando se lleva en cuenta la transversalidad capitalista a la cual el individuo está sometido en esta ágora contemporánea. Por lo tanto, vivenciamos un paradojo del empoderamiento.

Palavras chave: Empoderamiento. Ciberespacio. Redes sociales. Movilización

Introdução

Alguns avanços tecnológicos importantes ocorridos durante a segunda metade do século XX, como o aumento gradual de novos dispositivos midiáticos portáteis, a informatização e a convergência das mídias, possibilitaram a ascensão de um modelo de sociedade tecnológica que inclui os bits em larga escala no cotidiano social. Esse fenômeno, entretanto, não pode ser reduzido a um acontecimento técnico, pois sua dimensão atinge, principalmente, o estatuto geral da sociedade, já que impacta diretamente na vida cotidiana dos indivíduos, nas relações interpessoais, nas relações mercadológicas, na cultura e na própria sociedade.

Nesse sentido, Wolton defende que "não é possível pensar num sistema de comunicação sem relacioná-lo às outras duas características: cultural e social" (2012, p. 16). Dessa forma, a mobilidade do indivíduo - de espectador para interlocutor e produtor de conteúdo - é uma das grandes mudanças possibilitada pela nova configuração do ambiente comunicacional. Ou seja, não se trata apenas de uma nova relação tecnológica que possibilita ao indivíduo estar no centro da comunicação, mas compreende toda uma quebra de paradigmas no âmbito da comunicação, que é marcada pela dinâmica informacional e pela interatividade.

Esse poder do indivíduo no novo ambiente digital e no contexto das redes sociais, redesenha o fluxo da comunicação contemporânea: que não parte mais de um centro hegemônico para uma massa. Agora, é difundido para todos os sentidos a partir de pessoas comuns com acesso às várias plataformas digitais, tornando o conteúdo de livre circulação e compartilhado de forma não programada. Antes, esse indivíduo encontrava-se mimetizado à massa, agora tem a possibilidade de explorar sua individualidade e seu papel como ator social passa a ser singular. Em outras palavras, o indivíduo vem conquistando seu empoderamento no ciberespaço.

Concomitantemente ao empoderamento de indivíduos e de grupos sociais no ciberespaço, o que se tem visto nos últimos anos é uma crescente capacidade de monitoramento e coleta de dados sobre esses indivíduos e grupos em diferentes setores cotidianos (entretenimento, trabalho, vida social, educação etc.).

Segundo Bruno (2008), foi a partir de 2007 que a vigilância digital começa a entrar em pauta em diferentes reflexões acadêmicas. Portanto, passados 10 anos, ainda se sente falta de uma maior problematização sobre os mecanismos do *bigdata* e sua interferência direta no cotidiano da sociedade. Por isso, este artigo se propõe a fazer uma reflexão sobre o paradoxo do papel do indivíduo no que tange seu protagonismo no ambiente comunicacional digital com o objetivo de contribuir para maiores reflexões acerca dos mecanismos de vigilância digital.

Este estudo tem como meta se dedicar à discussão mais ampla deste fenômeno, a saber, a noção de empoderamento e suas limitações, expondo os aspectos mais candentes relati-

vos aos debates públicos desenvolvidos no *Facebook*. Para tanto, o artigo se divide em três eixos temáticos principais. O primeiro deles discute as potencialidades do ciberespaço e do *Facebook* quanto ao empoderamento e engajamento dos indivíduos a partir de uma fundamentação teórica. Em seguida, realiza-se uma reflexão sobre as transversalidades capitalistas no *Facebook* para tencionar o entendimento de indivíduos empoderados no ciberespaço. Por fim, propõe-se um breve entendimento da importância do *Facebook* para o empoderamento e discussão de determinados grupos sociais a partir de uma análise comparativa.

Antes de mais nada, então, é preciso explicar a lógica de funcionamento da plataforma. Barros e Carreiro (2015) esclarecem que a formação de *timeline*³ do *Facebook* é única para cada perfil, pois é formada a partir da rede de contatos de cada usuário. Desta forma, o conteúdo da *timeline*, chamado de *feed*⁴ de notícias, é formado de forma invasiva, isto é, "os posts aparecem na *timeline* dos usuários a partir de algoritmo exclusivo da ferramenta" (BARROS; CARREIRO, 2015, p. 176). Portanto, os indivíduos acabam limitados em suas escolhas de conteúdo. "O usuário tem um poder limitado de escolha do que chega à sua *timeline*, uma vez que o algoritmo do site determina a exposição de conteúdo baseado em parâmetros pouco conhecidos em detalhes, mas que, sabe-se, leva em conta o histórico da relação entre as pessoas e o potencial de interação de cada conteúdo" (BARROS; CARREIRO, 2015, p. 176).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, o estudo versa sobre uma revisão bibliográfica e sobre uma análise comparativa. Nesse contexto, o estudo se realizou no e a partir do ciberespaço, tendo como objeto de estudo o *Facebook*, o site de rede social mais utilizado no país segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Conforme os resultados apresentados, 83% das pessoas que utilizam a internet estão conectadas ao *Facebook*.

Assim, o estudo se propõe a analisar um exemplo dentro da plataforma a partir de uma análise comparativa de duas páginas de grande influência na plataforma: Quebrando o Tabu⁵ e Jornal Nacional⁶. O intuito desta análise é demonstrar como o *Facebook* tem se tornado um espaço para vozes até então marginalizadas pelos meios de comunicação de massa.

Desta forma, é preciso explicar o porquê de não se utilizar um objeto que seja passível de ser compreendido a partir das influências dos mecanismos de monitoramento e de algoritmos. Considera-se que uma análise de um certo número de *feed* de notícias para analisar a ação e o impacto dos filtros do *Facebook* não se sustenta por três motivos. Primeiro é que a escolha aleatória de perfis pode alterar a percepção dos resultados porque cada perfil na plataforma já tem um histórico de conexões e atividades. Dessa forma, cada perfil é diferente e logicamente apresentará resultados diferentes uns dos outros. O ideal seria ter dois perfis iguais no que tange aos dados principais: idade, cidade, gênero, amigos e algumas preferências. Modificando apenas as interações, que estariam concentradas em buscas e leituras de polos opostos de um assunto, como a política por exemplo. Nessas condições seria possível comparar as sugestões de notícias baseadas nos algoritmos da plataforma.

³Timeline corresponde à linha do tempo que aparece na página inicial da maioria dos sites de redes sociais.

⁴Feed de notícias corresponde aos conteúdos que aparecem na linha do tempo de um perfil no *Facebook*. Esses conteúdos variam de acordo com as conexões e atividades de cada indivíduo.

⁵Link da página Quebrando o Tabu no *Facebook*: <<https://www.facebook.com/quebrandoatabu/>>

⁶Link da página do Jornal Nacional no *Facebook*: <<https://www.facebook.com/JornalNacional/>>

Em segundo lugar, mesmo que tivéssemos condições ideais de análise, seria difícil comprovar que o *feed* foi alterado por algoritmos, pois não há possibilidade de comparação neste contexto. Ou seja, não há ferramentas disponíveis para detectar o que foi e o que não foi manipulado pelo *bigdata*. É preciso ressaltar também que esses dados são sigilosos e o *Facebook* não divulga exatamente como eles agem. Por fim, é preciso considerar que os filtros dos dados são dinâmicos e há constantes atualizações nos mecanismos de coleta de dados.

Assim sendo, reitera-se, aqui, que esse estudo não tem a pretensão de analisar os mecanismos de coleta de dados a fundo. O que aqui propomos é uma breve reflexão acerca da dimensão e importância do ambiente digital para o empoderamento de indivíduos e grupos periféricos com o objetivo de tencionar reflexões sobre os rumos de uma comunicação cada vez mais refém do modo como os dados circulam na rede. Em outras palavras, esse poder e empoderamento do cidadão passa por diversas interferências que nos possibilita a seguinte pergunta: quem realmente detém o *status* de protagonista no ciberespaço?

Axioma inicial: as novas perspectivas de articulações entre diferentes atores

O desenvolvimento das tecnologias, da informatização e da Web 2.0 revolucionou o modo como o indivíduo se relaciona e interage socialmente. O ambiente digital, junto com a ascensão das redes sociais e novos aparelhos tecnológicos como os portáteis, é propulsor de novas conexões entre os indivíduos, de interação entre grupos sociais, possibilita novas formas de circulação e difusão de informações. Essa dinâmica social reconfigura o espaço de interação e reinventa a ágora de discussão e deliberação coletiva, pois novos lugares são perfeitamente articulados a partir de um novo suporte físico, o que modifica o conceito de laço social entre os atores e possibilita um novo entendimento da dimensão cultural e social.

De acordo com Lévy (2011), ciberespaço é um universo das redes digitais que proporciona um local de encontros, de informação, de criação, de navegação, de conhecimento, de relações sociais e é responsável por determinar uma nova fronteira econômica e cultural. O autor ainda enfatiza que

dar a uma coletividade o meio de proferir um discurso plural, sem passar por representantes, é o que está em jogo, do ponto de vista tecnopolítico, na democracia do ciberespaço. Essa fala coletiva poderia, por exemplo, apresentar-se como uma imagem complexa ou um espaço dinâmico, um mapa móvel das práticas e ideias do grupo. Cada um poderia se situar em um mundo virtual para cujo enriquecimento e modelagem todos contribuiriam por meio de seus atos de comunicação. Coletivo não é necessariamente sinônimo de maciço e uniforme (LÉVY, 2011, p. 67 - 68).

Na esteira deste raciocínio, Castells (2003) afirma que a questão decisiva dessa nova configuração social é o deslocamento da comunidade para a rede como a forma central de organizar a interação. Para ele, "as redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Dessa forma, a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade" (CASTELLS, 2003, p. 106 - 107).

Recuero (2012) aponta que a utilização de sites de redes sociais, como o *Facebook*, culmina numa nova forma de trocas discursivas, que ela conceitua como uma conversação em rede. É nesse espaço que as trocas de informações e conteúdos acontecem, que os usuários

se mobilizam, se organizam e debatem inúmeras questões, entre elas as sociais. É, portanto, pelas conversações em rede que a nossa cultura está sendo repensada. A autora traz à luz a dimensão de sua proposta quando afirma que "são essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas (RECUERO, 2012, p. 17 - 18).

No mesmo sentido, Ramonet (2012) sustenta a ideia de que o ciberespaço permite que cada cidadão se torne um *web-ator*, ou seja, um criador e um disseminador de conteúdos e não apenas um consumidor. O autor ainda ressalta que

nós saímos de um sistema *mídia-cêntrico* e entramos num sistema *eu-cêntrico*, em que cada internauta possui o poder de comunicar sons, textos, imagens, de trocar informações, de redistribuí-las, de misturá-las a diversos documentos, de realizar suas próprias fotos ou vídeos e de coloca-los na rede, onde massas de pessoas vão vê-las e, por sua vez, participar, discutir, contribuir, fazer circular. O desenvolvimento das redes sociais renova, assim, o projeto de uma democratização da informação (RAMONET, 2012, p. 28).

Os autores supracitados se mostram otimistas quanto às novas possibilidades de interação no ciberespaço, de uma ferramenta para a exploração de problemas sociais, de debates plurais e de decisões em um âmbito coletivo. Ou seja, de um ambiente digital com dimensões comunicacionais ligadas a uma liberdade de informação e a uma sociedade mais aberta para debates coletivos.

Nesta perspectiva, Marques (2006) afirma que devemos reconhecer o valor dos espaços discursivos oferecidos aos cidadãos como, por exemplo, o ambiente digital, que é uma rede de comunicação pública e não necessariamente institucionalizada. Portanto, possui a capacidade de abrigar diversas discussões e opiniões espontâneas, de fomentar um espaço mais plural e dinâmico, que realça diferentes pontos de vista e confere oportunidade de expressão a vozes marginais (MARQUES, 2006). Assim, o autor completa afirmando que

A internet, em princípio, funciona como uma rede que permite aos seus usuários o contato e a difusão de informações sem necessariamente pedirem permissão aos grupos mediáticos já consolidados. Ela se apresenta como um espaço apto a atender demandas individuais, onde cada um busca a informação que deseja, podendo modificá-la ou adicionar suas considerações para uma posterior publicação, sem grandes dificuldades ou custos (MARQUES, 2006, p. 166-167).

A ideia proposta pelo autor é de que os indivíduos com acesso ao computador em rede podem discutir livremente sobre qualquer assunto na perspectiva de uma conversação civil. Em outras palavras, a internet seria um espaço com possibilidade de "conferir poder de influência aos atores de 'periferia'" (MARQUES, 2006, p. 171), ainda que este poder não tenha, na maioria das vezes, um grande alcance.

Diante destas premissas, o que aqui se quer destacar é que o novo ambiente comunicacional proporciona uma mudança no paradigma social e cultural, pois torna possível o protagonismo do indivíduo ao superar o modelo emissor-meio-mensagem-receptor e ao deslocar o papel do público deste receptor para um agente produtor no processo.

A reconfiguração do papel do indivíduo em direção ao empoderamento

Segundo Castells (2005), os indivíduos estão montando suas redes com base em interesses e valores em comum. Para o autor, essa flexibilidade na comunicação no ambiente digital desempenha um papel na organização social. Pois, essas redes estão formando comunidades intensas, eficazes e com um grande poder de mobilização.

O indivíduo empoderado, ao estabelecer contato com outros usuários da rede por meio de fóruns de discussão, comunidades virtuais, compartilhamentos de conteúdos e mobilizações via *hashtag* (#) - símbolo utilizado antes de palavras-chave para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais, principalmente *Facebook* e *Twitter* – estão formando suas próprias comunidades *on-line*. Ou seja, este ator social mediatizado digitalmente está experimentando novas formas de sociabilidade, caracterizada por um laço social a partir de assuntos em comum e de um pertencimento social.

A partir dessa oportunidade que cada indivíduo tem de se comunicar com outros atores sociais e, principalmente, interagir com pessoas que compartilham das mesmas opiniões, surge outro fenômeno: movimentos sociais e a mobilização em rede em torno de valores e objetivos comuns. Os movimentos sociais em rede são fundamentados nas redes sociais, que são componentes essenciais da ação coletiva. Castells articula sobre a importância dessas plataformas de redes sociais no processo de mobilização de tais movimentos, uma vez que

[...] as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. Sua conectividade depende de redes de comunicação interativas. Em nossa sociedade, a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio. Além disso, é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano. Mas as redes de comunicação digital são um componente indispensável na prática e na organização desses movimentos tal como existem (CASTELLS, 2005, p. 166 - 167).

Em contrapartida, o autor não se limita ao papel de instrumento da internet e das redes sociais como ferramentas para mobilizar, organizar e decidir. Segundo Castells, mais do que isso, o ambiente digital cria condições para "uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se" (CASTELLS, 2005, p. 167). Para o autor, as mobilizações em rede estão protegidas da repressão dos espaços físicos, o que garante a comunicação entre os indivíduos e a sobrevivência do movimento.

Desta forma, grupos caracterizados como minorias sociais como negros, mulheres e a comunidade LGBT encontram no ciberespaço e nas plataformas de redes sociais um propulsor de debates públicos e uma possibilidade efetiva de expressão, de assumir uma posição e uma opinião. Essas minorias estavam até então à margem das arenas públicas de discussões.

À vista disso, é possível afirmar que este novo cenário sugere uma mudança também nas relações de poder da sociedade. Na mesma perspectiva de Castells, Cremades (2008) chama a atenção para a transferência de poder que, mesmo incipiente, está tornando o cidadão empoderado quando atua de forma cooperativa nas redes. Nesse ponto de vista, Cremades introduz o conceito de micropoder ao afirmar que

cada um das centenas de milhões de usuários da rede que têm protagonizado o crescimento da internet; indivíduos que utilizam ou criam conteúdos para a internet e que, na prática, estão conseguindo alterar, de maneira geral, a natureza da era da informação e, de maneira particular, a própria democracia e os direitos dos cidadãos (...) poder que o indivíduo tem por participar e um projeto coletivo que está mudando a sociedade em que vivemos (CREMADES, 2008, p. 17).

A partir das ideias expostas, para reforçar as novas possibilidades de efetivos avanços democráticos com o advento tecnológico, Cremades substancia a ideia de que o acesso a informações e o intercâmbio de dados em tempo real deverá, cada vez mais, modificar as relações de poder na sociedade. Ou seja, a livre circulação de informações acarretará no processo de descentralização do poder, da dissolução dos poderes institucionais, da abertura à participação do cidadão e à aparição de uma opinião pública articulada.

Ainda de acordo com o autor, o engajamento dos indivíduos na rede não se restringe a discursos, conteúdos e propaganda, ela é, pois, uma interação fundamentada em uma nova forma de pensar e de agir, que tem a contribuição generalizada e a pluralidade de discursos como a sua espinha dorsal. Interessante entender que o conceito de micropoder que Cremades introduz diz respeito a uma das mais importantes consequências da mudança de paradigmas provocada pelas novas tecnologias, já que coloca o cidadão comum como um formador de opinião, com posição e decisão, transformando assim as estruturas sociais, políticas e culturais. Viabilizada pelo ciberespaço, a interação entre os atores sociais permite um reforço no poder de atuação dos indivíduos e a constante conquista do empoderamento.

Se o ciberespaço é propulsor de debates coletivos a partir de mobilizações, é possível entender que a participação é um resultado de uma opção realizada individualmente. Logo, só pode ser compreendida como uma participação livre, autônoma e que está baseada em valores particulares. Claro, também influenciada pelos grupos sociais, pelos amigos e contatos da rede. Mas, de qualquer forma, descarta-se nesse contexto qualquer influência exterior ao contexto individual ou quaisquer questões intrinsecamente ligadas à estrutura da rede.

Essa euforia sobre o protagonismo do indivíduo pode estar precipitada, já que há elementos que não estão sendo considerados nesse cenário emergente como, por exemplo, os algoritmos de dados que estabelecem hierarquias, recomendam conteúdos, definem gostos e tendências, redefinem valores sociais e redesenham os vínculos dos indivíduos na rede.

O paradoxo do empoderamento

Embora a maioria dos autores estudados aqui tenham uma visão positiva quando analisam o ciberespaço como um local democrático e de liberdade de expressão, é preciso fazer ressalvas sobre essa ideia romantizada porque a internet pode não ser essa utopia realizável e percebida pelos referidos autores.

As generalizações da observação empírica muitas vezes eclipsam as reais condições e reduzem a complexidade da realidade. Desconsidera-se, por exemplo, o fato de que os usuários são monitorados automaticamente por softwares que observam seu comportamento e coletam informações sobre seus padrões de consumo. Se no passado as linhas editoriais do jornalismo interferiram nas tomadas de decisão e no imaginário coletivo, no presente nossa autonomia nas redes está igualmente prejudicada pelos efeitos dos sof-

twares de recomendação e algoritmos.

Os estudos de Barabási (2009) sobre a topologia da rede, a conectividade e a formação de links trazem à luz o equívoco de compreender o ciberespaço como um local totalmente igualitário e democrático. Segundo o autor, os projetos de mapeamento da web mostraram que há uma completa falta de democracia e equidade na rede. Isso se deve, na ótica de Barabási, ao fato de que mesmo que cada indivíduo tenha o direito de colocar o que quiser nas redes sociais ou em qualquer outra plataforma da web, isso não significa que essa pessoa tenha alguma chance de ser vista ou ouvida. Assim, em todo o contexto da rede alguns assuntos ou indivíduos terão mais visibilidade e influência do que outros.

O autor afirma que na web existem os *hubs*: websites que possuem maior conectividade e que são fáceis de encontrar independentemente de onde o indivíduo esteja na web. Esses sites detêm maior poder de conectividade em comparação ao restante da web e acabam se tornando referência para uma grande massa. E quanto mais conexões esse hub tem, mais conexões serão sugeridas para ele. Ou seja, quanto mais visível o site é, mais visível ele tende a ficar, deixando a maior parte dos conteúdos na rede totalmente invisíveis.

Nesta lógica, Pariser (2012) aponta aspectos que limitam o empoderamento dos indivíduos no ciberespaço. Para o autor, o principal aspecto que torna utópica a ideia de que o ambiente digital pudesse redemocratizar a sociedade, tornando as pessoas mais cívicas e críticas, é o fato de o ciberespaço refletir os próprios interesses de cada indivíduo.

Pariser explica que o que rege as relações no ambiente digital é a personalização de conteúdo possibilitada por algoritmos e por base de dados de grandes organizações como o *Google* e *Facebook*. Ou seja, o atravessamento capitalista no ciberespaço se dá à medida que os gigantes da internet moldam o conteúdo que chegará a cada indivíduo com base em seu comportamento anterior. Pois, quanto mais personalizada for a oferta, maior será a chance de um usuário comprar um produto oferecido. Logo, quanto mais personalizada a oferta, maiores serão as chances das organizações de vender anúncios a grandes marcas. A web está se tornando, portanto, um mercado de informações sobre o comportamento dos indivíduos.

A personalização, porém, não se restringe à propaganda, ela está moldando também os fluxos de informações. Para Pariser (2012), as plataformas de redes sociais, como o *Facebook*, também oferecem informações e notícias de acordo com desejos pessoais. O autor chama a atenção para a consequência preocupante deste direcionamento de conteúdo: o determinismo informativo. Para o autor, a personalização pode nos levar a esse determinismo porque aquilo em que clicamos no passado vai determinar o que veremos no futuro.

Esse direcionamento e personalização de informações acarretam em outro fenômeno que o autor chama de bolha dos filtros, responsáveis por examinar o comportamento do usuário e determinar o que ele deseja fazer, ler, compartilhar ou seguir. Portanto, cada indivíduo acaba consumindo informações de acordo com o que ele mesmo pensa e acredita. Deste modo, as bolhas acabam tendo um alto custo social e cultural, já que alteram o modo como os indivíduos se deparam com ideias e informações, impactando na compreensão da sociedade e na percepção de mundo.

A personalização de conteúdos e a bolha dos filtros são uma consequência dos mecanismos de vigilância social que se expandem e se atualizam a todo momento. Para Bruno (2008), a vigilância digital compreende, entre outros, os dados geodemográficos, biométricos, comportamentais, comunicacionais, de consumo, de lazer, de uso de serviços, de navegações em ambientes digitais, de gostos pessoais, de interações com amigos, familiares, etc.

Para a autora a vigilância digital se refere ao

monitoramento sistemático, automatizado e à distância de ações e informações de indivíduos no ciberespaço, com o fim de conhecer e intervir nas suas condutas ou escolhas possíveis. Tal vigilância é aqui analisada segundo a noção de dispositivo, que conjuga três traços centrais: um conjunto de elementos heterogêneos, uma função estratégica, jogos e formações de poder e saber (Foucault, 1979). O dispositivo de vigilância digital tem entre seus principais elementos as tecnologias de monitoramento de ações, informações e comunicações dos indivíduos no ciberespaço, a montagem de bancos de dados e a elaboração de perfis computacionais (BRUNO, 2008, p. 11)

A partir do panorama fornecido pela gama de reflexões, é possível entender que, embora seja possível pensar em diferentes possibilidades de efetivos avanços democráticos a partir dos novos meios, a atuação dos mecanismos tecnológicos de dados, de controle e instrumentalização das escolhas individuais limitam essa percepção.

Não se quer aqui demonizar a internet, pelo contrário, considera-se que é preciso maiores reflexões sobre a lógica dos algoritmos para obtermos um olhar crítico deste espaço inextricavelmente associado ao nosso cotidiano. A sociedade necessita compreender como os governos e corporações agem em busca dos dados dos cidadãos para se ter clareza sobre os monitoramentos aos quais estamos submetidos. Bem como, deveríamos saber o que é feito com os dados recolhidos. Portanto, não há outra saída a não ser fomentar debates sobre o papel do bigdata e sua influência em nosso dia a dia.

O poder comunicativo dos novos agentes de produção de discurso

A partir dos subsídios teóricos elencados até aqui, é possível agora oferecer um exemplo para elucidar a hipótese do poder comunicativo dos novos agentes de produção de discurso. Para desenvolver a análise proposta, foram analisados os *posts* de duas páginas de expressão⁷ do *Facebook*: Quebrando o Tabu e a do Jornal Nacional.

A ideia foi comparar a interação de duas páginas com propostas distintas para sustentar a hipótese de que os indivíduos estão conseguindo se mobilizar em torno de questões da sociedade civil que muitas vezes não são abarcados pela grande mídia. Foram analisados o número de interações e comentários de cada página entre o dia primeiro e 31 de maio de 2017. É importante ressaltar que o intuito neste momento não é identificar o teor do conteúdo das postagens, mas comparar as interações e o engajamento on-line das duas páginas.

A página Quebrando o Tabu foi lançada em 2011 para divulgar um documentário com o mesmo nome. Depois de ficar dois anos sem muita atividade, volta em 2013 com a proposta de debater assuntos que ainda são um tabu na sociedade como, por exemplo, a guerra às drogas, sexualidade, feminismo, racismo, aborto, *bullying*, homofobia, entre outros⁸. Hoje, a página é uma das mais expressivas da plataforma com 7.387.747 seguidores, dado aferido no dia primeiro de junho de 2017.

⁷Conforme os dados apresentados no decorrer do texto, são páginas de expressão pela quantidade de seguidores que possuem e pelo número de engajamentos que mobilizam em cada postagem.

⁸Os exemplos citados foram retirados da própria página a partir da avaliação do conteúdo das postagens entre o dia primeiro e 31 de maio de 2017.

A segunda página analisada foi a do Jornal Nacional que, no dia primeiro de junho, contava com 8.381.313 seguidores. O estudo contemplou esta página a título de comparação por acreditar que o formato, a proposta e os assuntos são opostos aos da página Quebrando o Tabu. Assim, compara-se duas páginas de expressão, uma representando a mídia hegemônica e a outra, os assuntos marginalizados.

A partir da ferramenta Netvizz⁹ do Facebook, pode-se comparar o engajamento de ambas as páginas. A Quebrando o Tabu realizou, neste período de um mês, 348 postagens. Ao todo, esses posts tiveram 8.803.961 reações (curtidas, compartilhamentos e outras reações disponíveis no aplicativo) e 649.629 comentários. Já a página do Jornal Nacional realizou 299 posts e teve 969.274 reações e 182.040 comentários.

Portanto, calculando a média de forma aproximada, a página Quebrando o Tabu teve 25.300 interações e 1.860 comentários por post. Ao passo que a média do Jornal Nacional é de aproximadamente 3.250 reações e 610 comentários por postagem. Os números são apresentados no Quadro 1 para melhor visualização.

Quadro 1 – Engajamento entre os dias 1º e 31 de maio de 2017

	Post	Reações	Comentários	Média aproximada de engajamento por post
Quebrando o Tabu	348	8.803.961	649.629	27.165
Jornal Nacional	299	969.274	182.040	3.850

Fonte: Elaborado pelos autores

Quando se verifica as médias de engajamento, é compreende-se que a página Quebrando o Tabu tem em torno de 7 mil "engajamentos" a mais em detrimento da página do Jornal Nacional. Ora, o jornal tem um alcance nacional muito maior por estar na mídia massiva e por ter 42 anos a mais de existência. Por que, então, o engajamento é muito menor?

A partir dos dados supracitados é possível tirar algumas conclusões e formular algumas hipóteses. A página Quebrando o Tabu, embora tenha menos seguidores, consegue engajar um maior número de pessoas por causa dos assuntos abordados, que são, em sua maioria, periféricos e não contemplados pela grande mídia. Portanto, entende-se que há uma demanda social significativa por debates mais amplos e plurais acerca desses assuntos.

A prevalência das postagens do Jornal Nacional são recortes (em vídeo) do jornal já apresentado e que estão no site globo.com. Algumas outras postagens são fotos dos âncoras, Renata Vasconcelos e William Bonner, chamando para o início do jornal. Em suma, a página traz as notícias já apresentadas no jornal, restringindo-se aos assuntos abordados pela editoria do JN como, por exemplo, cenário político, crise econômica, panorama mundial, entre outros assuntos que podem ser considerados como padrão do veículo.

Compreender a dinâmica de engajamento e mobilização de ambas as páginas teve como

⁹Disponibilizado pelo próprio Facebook, o Netvizz é um aplicativo que permite a captação de dados das postagens realizadas pelas páginas públicas. A partir da delimitação de um período de tempo ou de uma quantidade de postagens, o aplicativo permite fazer o download desses dados.

intuito comprovar a hipótese inicial do estudo de que o ciberespaço e o Facebook como plataforma de rede social compõem uma importante arena de discussões, deliberações e engajamentos coletivos. Pois, possibilitam que o cidadão comum ocupe um espaço de discussão de assuntos que lhe interessam.

Para corroborar com esta hipótese, recorre-se novamente às reflexões de Castells que afirma: "a Internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestação, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações (empresas, por exemplo) por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública" (CASTELLS, 2003, p. 117).

Dessa forma, surge a preocupação com os mecanismos que possam limitar este espaço e o protagonismo dos indivíduos, como os mecanismos de coleta, monitoramento e arquivo de informação dos usuários da rede; a crescente personalização de conteúdos através dos algoritmos de dados e a formação de bolhas de interesses a partir dos filtros de conteúdo. É importante ressaltar que o estudo não está preocupado com a publicidade direcionada, mas com as formas de controle sobre as ações e escolhas dos indivíduos.

Considerações finais

Fica evidente que discutir os acertos e erros de diferentes reflexões teóricas é impreciso e inapropriado, visto que o cenário ainda se delinea e aponta para diferentes direções. Da mesma forma, é preciso reconhecer que uma pesquisa empírica a respeito dos impactos dos algoritmos no cotidiano social é uma tarefa hercúlea que demanda ferramentas adequadas, metodologia eficaz e um tempo significativo.

Entretanto, o que é realizável neste momento é uma reflexão acerca do paradoxo do poder e do empoderamento do indivíduo na sociedade em rede. O ciberespaço é considerado por muitos autores como um espaço de relações, de representações, de informações e interações entre os indivíduos. A ágora contemporânea, portanto, se materializa dentro do mundo *on-line*, possibilitando aos atores sociais com acesso à rede externar suas opiniões, iniciar debates e participar de discussões acerca de assuntos que seja do seu interesse.

Há um salto muito grande para o empoderamento dos indivíduos na esfera pública contemporânea, mas existem os atravessamentos capitalistas, a personalização e a bolha dos filtros que ameaçam esses avanços. Ao mesmo tempo em que a virtude do ambiente digital é sua capacidade de erodir o poder de um centro institucional e possibilitar poder aos indivíduos na condução de suas próprias questões pessoais e sociais, o ciberespaço está sendo regido por grandes corporações com fins econômicos que ameaçam a ágora contemporânea.

Cada vez mais é no ciberespaço que viveremos nossa vida, mantemos e reforçamos todo tipo de relações. No entanto, é possível que um pequeno número de empresas dite unilateralmente o modo como bilhões de pessoas se relacionam, se comunicam, interagem e compreendem o mundo.

Portanto, para garantir aos cidadãos um real poder, é preciso um conjunto de ações, tanto por parte do próprio indivíduo, quanto por parte das organizações. A primeira coisa que as empresas que dominam a internet podem fazer é tornar seu processo de filtragem e de *bigdata* mais transparentes para o público, para que suas responsabilidades sejam claras e seguidas.

Além disso, as organizações e seus programadores devem incluir em seus sistemas, programas e projetos a cidadania e o fomento de debates públicos. Outro passo importante está na mão do próprio usuário, que deve estar engajado na defesa da internet. É imprescindível

que os novos agentes de produção de discurso tenham um espaço verdadeiramente livre de influências externas, que seja o mais amplo e igualitário possível, porque só assim é possível uma eficaz articulação de diferentes atores sociais nos processos deliberativos, que são essenciais para a sociedade contemporânea e democrática.

Vivemos uma dicotomia das redes: ao mesmo tempo que ela é um espaço amplo e de possibilidades de empoderamento, ela é limitante e excludente. Ou seja, o contexto que se delinea é paradoxal. Enquanto presenciamos uma explosão do empoderamento – empiricamente sugerido, concretiza-se a cada dia a expansão de mecanismos de controle de dados e de conteúdos por gigantes da internet – holisticamente aferido.

Bibliografia

BARABÁSI, Albert-Laszlo. *Linked: a nova ciência dos networks*. São Paulo: Leopardo, 2009.

BARROS, Samuel; CARREIRO, Rodrigo. A discussão pública e as redes sociais on-line: o comentário de notícias no Facebook. *Revista Fronteiras*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 174-185, mai/ago. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.172.05/4732>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-decontratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BRUNO, Fernanda. Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 36, p. 10-16, ago. 2008.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CREMADES, Javier. *Micropoder – a força do cidadão na Era Digital*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2008.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2011.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 164-187, abr/mai. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/op/v12n1/29402.pdf> Acesso em: 20 mai. 2017.

MIÈGE, Bernard. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RAMONET, Ignacio. *A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RECUERO, Raquel. *Conversação em Rede - A comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Recebido: 09/04/2017

Aceito: 19/06/2017